

GRUPO DE TRABALHO: PAISAGEM E MOVIMENTO: SENSIBILIDADES SOCIAIS EM FEIRAS, MERCADOS E SEU ENTORNO

Ney Gomes¹

Os seis trabalhos² que seguem, foram apresentados na mesa coordenada por mim, durante o I Colóquio "Paisagens, Dinâmicas e Sensibilidades: Pelo Direito ao Centro Histórico de Belém", em junho de 2018, na UFPA. Ainda no período de organização do evento, esta mesa foi pensada tendo como cenário único, a paisagem urbana sui generis do Ver-o-Peso e seu arrabalde; contudo, feiras e mercados, dentro da cultura Paraense – Amazônica, com suas muitas urbes margeadas por cursos d'água grandiosos, rios, ruas de suas gentes, assumem papéis muito importantes no ordenamento urbano de bairros e cidades. Destarte, expandimos a aceitação de trabalhos, e retiramos o Ver-o-Peso como cenário privilegiado, possibilitando outras discussões.

A partir dos trabalhos apresentados foi possível pensar paisagens, dinâmicas e sensibilidades em cenários diferentes: feiras, mercados e suas imediações, seja em Abaetetuba, no Baixo Tocantins, que no Boulevard Castilhos França, no Ver-o-Peso; ou ainda a construção de espaços na região amazônica, a partir do imaginário coletivo ou da etnosensibilidade.

¹ Doutorando no programa de pós-graduação em Antropologia, na Universidade Federal do Pará, onde também cursou o mestrado em Antropologia, com ênfase em Arqueologia (2013). Mestrado profissionalizante em Serviço Educativo de Museus pela Universidade Católica de Milão, na área de Museologia (2005). Atua na área de Arqueologia Preventiva, Patrimônio Imaterial e Educação, trabalhando principalmente com: arqueologia histórica, arqueologia pública e comunidades tradicionais. E-mail: ney.gomes@gmail.com.

² Os resumos expandidos são de inteira responsabilidade de seus autores, cabendo aos organizadores somente a tarefa de publicar após revisão de forma, jamais de conteúdo.



A primeira apresentação foi um ensaio, sobre a produção de espaços a partir do imaginário, e nos propôs de forma sintética, a necessidade da reflexão sobre a apropriação do conceito de produção do espaço pelo imaginário da mulher e do homem amazônida e para Cruz, o autor do trabalho, o papel que os mitos e das lendas exercem centralidade na construção deste espaço.

Com o segundo trabalho, “A feira da agricultura familiar em Abaetetuba – PA, a partir de sua produção imagética”, os autores, Prazeres e Claudino, buscam demonstrar que o processo de produção e circulação de imagens e discursos sobre a Feira da Agricultura Familiar na cidade de Abaetetuba, através de redes sociais tais como Facebook, Instagram e Whatsapp, tem sido um fator fortalecedor deste espaço; isso, segundo os autores, se dá justamente pela capacidade das redes sociais de gerarem uma imagem singular da feira enquanto produtora de valores humanos de solidariedade, além da produção agrícola em si.

No terceiro trabalho, Seabra, Santos e Costa, com a apresentação intitulada “Dinâmicas da paisagem: observações da av. Boulevard Castilhos França” nos levam a um passeio por esta singular avenida de Belém, arrabalde imediato do Ver-o-Peso e testemunha das muitas transformações, apropriações e construções desta paisagem. Neste trabalho, urbanidade e paisagem são as premissas para uma reflexão necessária sobre o centro histórico de Belém.

A partir do já tradicional roteiro geoturístico da Cidade Velha, em Belém, Lobato e Serra deram prosseguimento com a quarta apresentação e propuseram reflexões tendo como ponto de partida suas experiências com este projeto. As autoras constataram que a criação do projeto tem contribuído para a Educação Patrimonial das pessoas que frequentam os roteiros; além de apresentar os problemas socioambientais presentes nos espaços percorridos e a falta de ações mais eficazes na preservação de algumas edificações históricas.

“Mercado de peixes e de almas: a valorização do patrimônio arquitetônico a partir dos direitos humanos”, fundamentado em um projeto de iniciação científica, foi o título do quinto trabalho proposto por Costa e Benzecry. Nesta apresentação, os autores analisam a função dos direitos humanos internacional, no processo de preservação do patrimônio histórico arquitetônico, o que para eles a perda e degradação desses bens – o patrimônio histórico arquitetônico – causa rompimento inclusive com a identidade de uma sociedade.

A mesa foi encerrada com a instigante apresentação de Castro, intitulada: “Proposições para pensar a experiência etnosensível em uma paisagem urbana”, onde a autora procura observar como cada pesquisador, por suas percepções sensoriais, possui a faculdade de construir camadas e vestígios de sentidos em suas vivências nos seus campos de trabalho. Para a autora, essas percepções sensoriais corroborariam por conformar uma escritura que delinea nossa forma de estar junto – seja do pesquisador em campo, seja do pesquisador em relação ao seu campo. Para delinear sua argumentação, Castro parte da ideia de uma etnografia sensorial e observa a não-neutralidade da antropologia nos seus processos de compreensão-interpretação.



Os trabalhos apresentados nos permitiram, por sua multidisciplinaridade, posto que tivemos pesquisadores do direito, da geografia, da história e da antropologia, reflexões sobre muitas percepções sobre estes lugares, Feiras e Mercados e centros históricos, feitas pelas sujeitas e sujeitos que fruem por estas paisagens, a constroem e acionam sua dinamicidade

